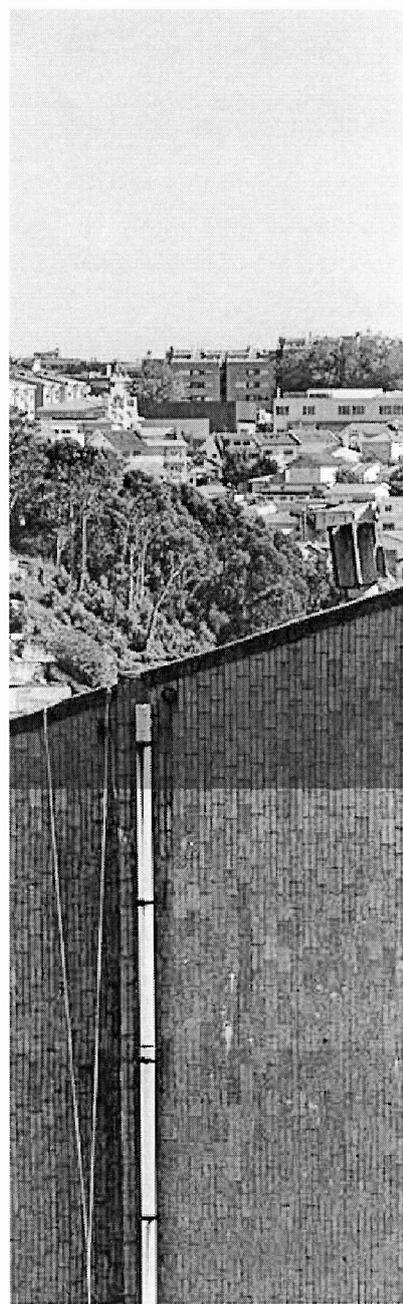


# Quando o Aleixo conta outra história do Porto

**Reportagem** Inaugurado no ano da Revolução, o Aleixo foi morada dos imaginários de gente pobre da Ribeira. Ali se fizeram amizades e casamentos. Filhos, netos, bisnetos. A vida normal. Depois, veio a droga e corrompeu-lhe os sonhos. Tomou-se a parte pelo todo. Deu-se a sentença do fim. Breve viagem pelas delicadezas e desgraças de um bairro onde cidade e país se podem ver ao espelho

Por Mariana Correia Pinto textos Paulo Pimenta fotografia



**N**o princípio era o sonho. Uma torre de 13 andares, casas como nunca haviam visto, o recorte do Douro nas janelas. Promessa de vida nova ou retorno ao ponto inicial mais tarde. O Aleixo abria as portas do seu primeiro edifício, a dias de Abril se cumprir, para abrigar famílias pobres da Ribeira. Naquele território, no lado ocidental da cidade, a vizinha ponte da Arrábida acabara de celebrar uma década. Havia dezenas de fábricas a laborar, chão em terra batida, zero condomínios de luxo.

No princípio podia ser temporário.



A miséria tinha tocado limites insustentáveis na Ribeira-Barredo. Havia fome, insalubridade, famílias numerosas a viver em “colmeias” e “cortiços”, tectos minúsculos onde se acotovelavam agregados e as crianças dormiam em gavetas de cómodas. Das 557 famílias inquiridas num estudo de 1970 citado no jornal *A Capital*, 283 viviam num único compartimento, apenas 45% das habitações tinham cozinha, só 30% tinham casa de banho. Eram “seres humanos vivendo como animais”, na “podridão”, uma “situação degradante”. Havia, mesmo assim, quem resistisse à saída. Mas também quem orasse “à Virgem” para dali fugir e fizesse promessas de uma “caldeirada” paga ao

“velho duque” se a mudança se desse ainda nesse ano de 1974.

Aconteceu. À primeira torre, habitada 12 dias antes do 25 de Abril de 1974, seguiu-se a segunda, “assaltada” por moradores quando se espalharam rumores de que para ali iriam retornados das ex-colónias. Depois a terceira, e outra e outra. Cinco esguios prédios desenhados pelo arquitecto Manuel Teles, fiéis às regras do Plano Auzelle, defensor da construção em altura. Abrigo para cerca de 1500 pessoas. Eram casas de áreas generosas, patamares comuns onde a vizinhança se foi fazendo família, como na Ribeira. Os vasos floridos às portas, as crianças a brincar nas galerias, as escadarias como local de convívio, a roupa

#### História

O bairro do Aleixo, construído para receber famílias pobres da Ribeira, foi inaugurado em 1974. Duas das cinco torres foram demolidas, por ordem de Rui Rio, em 2011 e 2013. Agora, Rui Moreira esvaziou o resto do bairro. Naqueles terrenos, vai nascer habitação de luxo

estendida no vão central. Ao longo dos anos, uma escola, ATL, infantil, centro de dia, café, campo de futebol, parque infantil, até um jornal da escolinha.

Os alicerces de uma vida nova não fragilizavam a memória das origens. Constituída a Comissão de Renovação Urbana da Área Ribeira-Barredo, pensava-se na reabilitação daquela zona para depois receber de novo parte das famílias. Algum edificado foi renovado, mas poucos retornaram ao ponto inicial.

Sem escolha, felizes ou não, fixaram raízes no Aleixo. Agora, outra vez sem escolha, satisfeitos ou devastados, tiveram de sair.

Nas três torres resistentes já não →

### Bairrismo

As memórias de outros anos ganharam vida por estas semanas. Ser do Aleixo é muitas vezes orgulho tatuado na pele e escrito nas paredes



## Torre 1 – Pasteleira Velha

*“Ver o pôr do Sol e a Lua ao mesmo tempo não é para pobres”*

Quando as emoções serenarem e Sérgio Elói se conformar em chamar casa nova à “casa velha” do bairro da Pasteleira, há-de pegar numa fotografia das cinco torres do Aleixo e mandar imprimir numa “tela gigante”. Depois, vai pendurá-la na parede da sala, em frente ao sofá. “O Aleixo vai comigo. Vou-me embora, mas não saio daqui.”

Na história do bairro onde nasceu, há demasiadas perguntas sem resposta. Ou excessivas respostas que não o convencem. “Sempre apontaram o dedo e nunca fizeram nada. Agora olham para este terreno e vêem que podem ganhar muito dinheiro. E nós não merecemos? Fazem obras em todo o lado. E no Aleixo? Porque é que o elevador não funciona? Como é que a delegação da saúde entra aqui e não se passa nada? Tivemos gente a morrer na torre com os bombeiros à porta, recusando-se a entrar. Como é que isto é possível?!”

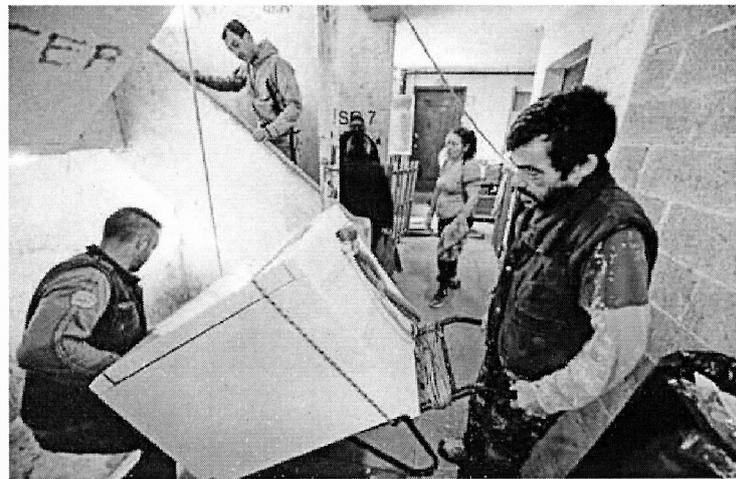
Sérgio Elói continua em catadupa. Um turbilhão de emoções assaltou-o por estes dias: “Sinto ódio, frustração, tristeza...” Tirar-lhe o Aleixo é esculpir esses sentimentos por dentro. Roubar-lhe o mundo como sempre o conheceu. Nascido no bairro nos anos 1980, Elói cresceu à pressa quando perdeu a mãe aos 15 anos. Fez-se pai dos irmãos mais novos. Descobriu o amor no bairro, teve dois filhos.

Lembra-se, ainda menino, de subir até à casa da avó e haver gente a consumir

na escadaria. De os ver encostar-se à parede para o deixarem passar. Hoje, com os filhos Rodrigo e Martim, acontece o mesmo. “Não queria que vissem aquilo, claro, não é normal abrir a porta de casa e ver uma fila de gente para comprar droga.” Como se explica isto a uma criança? “Eles percebem sozinhos. Sabem as diferenças. Eu cresci aqui e nunca tive problemas.”

Ninguém nega as contrariedades do Aleixo. Mas a narrativa de uma desordem com origem única não passa de conveniência. No discurso de Sérgio Elói cabe um cirúrgico plano de degradação para fazer do fim do bairro o único fim possível. Podia estar horas a falar dessa teoria. Mas a verdade, abrevia, cabe num olhar. Aquele que por décadas teve da sua janela e do terraço da torre: “Ver o pôr do Sol e a Lua ao mesmo tempo não é para pobres.”

A declaração, repetida noutros termos por muitos moradores, vem carregada de dor. Não por causa do Sol ou da Lua, mas pela condenação ao papel de figurante num mundo onde se compra o protagonismo. Elói ignora como consegue a injustiça. Agarra-se ao tanto que é só seu e não se compra nem se vende. Em breve, vai pegar numa imagem dele e do filhos com os seus carrinhos de rolamentos construídos no bairro e vai mandar tatuá-la no corpo. O que isso simboliza e guarda, ao menos, ninguém lhe pode tirar.



mora gente. A Câmara do Porto entaipou as entradas e entregou o edificado a um fundo de investimento imobiliário esta semana. Os moradores foram dispersos por vários bairros, feita rasa a promessa de os acolher juntos em casas construídas de raiz pelo Invesurb, Fundo Especial de Investimento Imobiliário (FEII) criado em 2010. Em troca dos valiosos terrenos, deveriam edificar cinco blocos habitacionais. Mas, até agora, só dois foram concluídos e o Invesurb já admitiu falta de verbas para seguir os trabalhos. Querem fazer o desmantelamento das torres em cerca seis meses. Mas Rui Moreira já avisou que os planos de futuro – o projecto conhecido inclui sete blocos de habitação de luxo com quatro a cinco pisos e um edifício para

comércio – só serão carimbados pela autarquia depois de todas as casas sociais prometidas em troca estarem erguidas.

Mas, afinal, como chegou o Aleixo à fila dos condenados? O sociólogo João Queirós deslindou uma “história de abandono quase genético” do bairro. Ao seu “nascimento tumultuoso”, com ocupações ilegais da torre 2 e intervenções policiais, seguiu-se uma “desconfiguração” das suas valências desde muito cedo. Ainda corria a década de 70, conta o investigador, e já alguns problemas sociais ocupavam páginas de jornais.

O relativo estado de graça do bairro foi, pois, demasiado curto. Nos anos 1980, Portugal é a nova rota da heroína. A droga encontrara o caminho, sobretudo a partir



### Abandono

Na torre 1 o elevador deixou de funcionar há vários anos e as mudanças foram feitas sem qualquer apoio da câmara. O cenário de destruição foi crescente nas últimas semanas

da Ásia, e instalara-se em territórios “defendidos dos olhares públicos” e onde a “vulnerabilidade económica” era mais notória. “O Aleixo é um exemplo emblemático disso. Embora esteja longe de ser um caso à parte.” Palavra de Luís Fernandes, investigador que foi parar ao bairro em 1990 para estudar o fenómeno da droga em contexto urbano. Nessa década, o cenário estava já agudizado.

A desindustrialização havia feito as suas grandes vítimas nos bairros periféricos do Porto. Tal como nos de Lisboa ou qualquer cidade da Europa Ocidental. No Aleixo moravam muitos operários fabris, trabalhadores da construção, estivadores, vendedeiras. Gente com rendimentos baixos ou no desemprego, com pouca escolaridade. Quando a heroína e outras substâncias pesadas bateram a algumas portas, não precisaram de licença para entrar. “O mercado de droga era um sistema de oportunidades para quem estava marginalizado da economia formal.”

O número de consumidores e traficantes crescia, as autoridades “falhavam na execução de medidas de combate a consumos duros”. Ganhava a tuberculose, a hepatite, o VIH. Muita gente adoeceu. Muitos morreram. E isso tornou o problema “mais visível e gritante”. Mas não só no Aleixo, alerta: “Por isso digo que demoli-lo é arbitrário.” Ali, a polícia nunca conseguiu eliminar o tráfico, apesar de ser, durante

alguns períodos, presença constante. Porquê? “Sobretudo porque não se combatem as necessidades prementes das pessoas com respostas policiais”, responde. E por necessidades prementes o investigador entende “um mínimo de rendimento para fazer face à vida”.

Ainda nessa década de 90, com operações policiais com tiros e a presença constante de agentes à porta das torres, o tráfico amansara. O trabalho feito pela Agência de Desenvolvimento Integrado de Lordelo do Ouro, com fundos comunitários, dava alguns frutos. Mas murchara em pouco tempo.

Havia camadas mais profundas por sarar. Foi ao estudar as políticas de habitação do centro histórico que João Queirós “esbarrou” no Aleixo. O bairro era, em certa medida, uma “expressão das consequências” de opções políticas, sociais e habitacionais. Entre as biografias do Aleixo e do Porto descobriu “várias intercepções”, com o bairro como “um revelador da história da cidade e de tendências económicas, sociais e políticas do país”. Essa viagem de meio século – de 1969, quando o bairro começa a ser pensado, até 2019 – será contada, ainda este ano, no seu próximo livro Aleixo: Gênese, Desestruturação e Desaparecimento de Um Bairro do Porto.

Naquele território, concluiu o sociólogo, cabe a atitude de sucessivos governos e municípios em relação à habitação social, vislumbram-se os “efeitos da desindustrialização”, acompanha-se a consolidação de uma “economia das drogas” e nota-se até uma “aproximação neoliberal à maneira como se gere o espaço urbano”.

Quem vê a Faina Fluvial de Manoel de Oliveira não imagina aquele Douro de gente pobre e trabalho duro transformar-se em desejo do capital. No filme, rodado em 1931, as margens do rio eram destino de fábricas, armazéns, centrais de produção eléctrica, estaleiros. Mas, trocadas as rotas para o porto de Leixões, o Douro perdeu calo e esbanjou vaidade. Ganhou estatuto, como se não fosse o mesmo de sempre, e contaminou tudo quanto tinha vista para ele. Para o bem e para o mal. O Aleixo, em certa medida, foi também vítima das suas coordenadas geográficas. Se um território se torna valioso, o mercado imobiliário procura-o. Se nesse território vive gente, o mercado imobiliário resolve. É uma narrativa comum a vários pontos da cidade, a várias cidades do mundo.

Quase na viragem do milénio, ano 2000, fala-se pela primeira vez da ideia de demolir o Aleixo. Nuno Cardoso, então presidente da autarquia, alegava as fracas condições de habitabilidade e admitia não ser adepto de habitação social em altura. Mas garantia que o bairro só ia abaixo se no mesmo lugar se fizessem casas para os seus moradores.

A campanha eleitoral de 2001 traz o bairro na agenda. Rui Rio, candidato estreante, dizia não concordar com a demolição. E meses depois, já presidente, vai ao bairro jurar aos moradores, olhos nos olhos, não fazer nada contra a vontade deles. Paulo Morais, seu vereador, deixou-o até escrito depois de uma reunião com a Associação de Moradores.

Mas os rumores de um plano diferente não calavam e instalavam um burburinho de desconforto e conflito no bairro. Em 2007, um inquérito feito pela associação – que por essa altura ainda geria uma série de estruturas no Aleixo – mostrava a



## Torre 1 – Lagarteiro

### Lurdinhas saiu mas volta todos os dias. “Não conheço mais nada”

Quando Maria de Lurdes aparece à porta da torre, bengala na mão a ajudar no equilíbrio, Sérgio Elói interrompe subitamente a conversa. Parte da história que procurava contar, cabe naquele corpo franzino a mover-se lentamente, metáfora perfeita do abandono: “Isto é o Aleixo”, sentenciava. “A Lurdinhas mora no 9º andar, demora 30 minutos a descer e 45 a subir.”

Na torre um, o elevador deixou de funcionar há vários anos. E, ao parar, ergueu muros entre as casas e a rua. Alguns moradores, acamados, nunca mais saíram. Outros, com dificuldade em andar, foram desistindo de o fazer. Elói vê a vizinha e fala numa história de esquecimento. De violência. “Decidiram castigar estas pessoas. E eu pergunto: que culpa têm elas?”

Lurdinhas tem pavor da solidão. Por isso, apesar dos 89 anos e de uma “mão doente”, todos os dias enfrenta a longa escadaria de betão. Para cima, agarrada ao vão central, a muleta na “mão boa” a ajudar. Para baixo, apoiada nas paredes preenchidas de palavras de ordem, amor ou revolta, frases reveladoras (“O amanhã não é prometido”). Se há gente sentada nas escadas, afastam-se para deixar Lurdinhas passar. Alguns oferecem-lhe um braço para se apoiar. Às vezes, até a querem levar ao colo.

Todos os dias, ao fim da manhã, vai ao café nas arcadas de um prédio próximo bem-afamado. Almoça, dá dois dedos de conversa. Depois, sobe de novo. Bate à porta da vizinha a afastar a solidão. A meio da tarde, repete a viagem descendente. Senta-se no café ou num murinho a apanhar sol. Só regressa a casa quando o fim da tarde se anuncia e a família regressa. “Não gosto de estar sozinha.”

Faltam poucos dias para ter de sair do Aleixo e Maria de Lurdes anda angustiada. Falta-lhe uma carrinha para fazer as mudanças e ainda não decorou o nome do bairro para onde irá a 23 de Maio. Abre

a bolsinha de cortiça carregada debaixo do braço e tira um pequeno papel branco. “Bairro do Lagarteiro”, alguém escreveu. Lurdinhas não sabe ler. Nem sabe bem para onde vai: “Só sei que é muito longe. Quando o Aleixo acabar venho para aqui na mesma. Não conheço mais nada.”

A casinha no Lagarteiro é “jeitosa” e sempre fica num quarto andar, com corrimões onde se pode agarrar bem. Mas tudo à volta é desconhecido e não há no mundo quatro paredes capazes de substituir o aconchego das rotinas do Aleixo. “Se eles arranjassem o elevador, ia à câmara dizer que ficava aqui mais uns aninhos. Já estou habituada.”

Nascida em Famalicão, Lurdes fez família na Ribeira. Vivia nos cortiços, “sem condições nenhuma”. Por isso, quando o Aleixo se anunciou, embalou feliz na viagem: “Era muito sossegado aqui.” Só mais tarde “veio a pouca vergonha da droga”. Mas mesmo não gostando do cenário diz nunca se ter intimidado com ele: “Não me incomoda. Passo e ando.”

O calendário marca o dia 23. À porta da torre, Lurdinhas assiste ao vaivém do filho, neta, amigos e vizinhos. Carregam estantes, camas, mesas, cadeiras. Nove pisos para cima e para baixo, vezes sem conta, por mais de duas horas. Depois daquele carregamento, será preciso pelo menos mais um igual. É o dia do fim. E Lurdinhas antecipa um sentimento de tristeza conformada: “Já se sabe que a gente tem saudades...”

Por causa delas, uma semana depois de deixar a torre um, estava sentada à mesa do seu café de sempre. A neta atravessa a cidade para deixar as filhas na escola e ela apanha boleia. “Não ia ficar sozinha lá, não conheço nada”, justifica enquanto abre devagarinho a carteira de cortiça e tira um papel sem lembrar estar a repetir aquele gesto. Alguém lê: “Bairro do Lagarteiro”. E ela acena. “É esse. Fica muito longe daqui...”



## O sonho de um “memorial” por quem morreu no Aleixo

Lúis perdeu há muito o luxo da moralidade simples. Das condenações à distância — por medo, preconceito ou desconhecimento. Aprendeu, por viver a história por dentro, que a análise do mundo ou é profunda ou não se chama análise. Luís — “apenas Luís” — já se viu “a bater a bota” às portas do Aleixo. Já viu gente de biografia engravatada chegar ali e perder-se em dois tempos. Como tantos de quem não se lembra ou não quer dizer o nome. Como a “Duda”, umas das mulheres mais bonitas que alguma vez avistara, abandonada numa morgue e enterrada como estatística por não ter quem a reconhecesse. Como o irmão, caído para sempre, aos 21 anos, no São João de Deus.

As memórias fizeram-se inquietação nos últimos meses, com o anúncio do fim do Aleixo. Ele ainda pára no bairro. Toma a metadona na carrinha da Norte Vida e conhece as vísceras daquela realidade. Está apreensivo com o futuro dos muitos que há mais de 40 anos moravam no Aleixo informalmente e agora se viram excluídos dos inqueritos da Câmara do Porto, sem direito a casa. E com os consumidores que gravitavam na zona: em frente à Torre 1, no descampado, em tendas. “A maior parte do pessoal que usou o bairro do Aleixo e lhe deu esta má fama não era daqui”, garante. “É pena ninguém arranjar uma solução para eles.”

Quando se consome, diz Luís, há uma “alienação” do mundo. “Nada nos faz parar”, conta, a Torre 1 a poucos metros e ele já imune ao que um dia foi tentação irresistível. Ao que jamais pensou para si: “Cresci num ambiente desportivo e nunca imaginei que esta porcaria me afectasse assim.” Por causa da heroína, afastou-se 16 anos da filha, viveu na rua, destruiu a saúde. Nunca viu as coisas tão nítidas. Mas, quando a racionalidade o resgatou, fez a viagem de uma vida, qual tatuagem inapagável. Luís não tem fórmulas. Mas guarda uma certeza: “A cabeça é que manda.” E a dele já conhece o limite. E

recusa esquecer de novo a sua “princesa” e o tempo perdido — “a minha filha tem 24 anos e trato-a como se fosse a menina que deixei com seis”.

Os dias serenaram no bairro depois de uma rusga policial, há cerca de três meses, e à medida que as torres perdiam gente. Já não há filas como dantes na Torre 1, os táxis param menos vezes à porta, o descampado está mais vazio. Rui Salvador, da Associação CASO, espanta-se ao ver a quase ausência de automóveis junto à antiga escola primária. “Ainda há um mês estive aqui e havia uma fila enorme”, comenta enquanto passeia o olhar em busca de alguém a quem pedir informações. Um pouco à frente, “F.M.”, como todos a tratam, esclarece sem pestanejar. As raparigas que ali paravam “estão na Rua Escura”. Já quase tudo migrou: para lá, para a Pasteleira, para o Pinheiro Torres.

Rui Salvador vai percorrendo os terrenos. Aproxima-se de um consumidor numa mesinha de pedra, conversa com uma voz que afaga. O rapaz não é boa fonte. Só passa por ali uma vez por mês: “Uma pessoa não pode pensar só nisto.” O “produto” que está a consumir não comprou no Aleixo, mas num bairro vizinho. Salvador agradece à mesma, deseja-lhe sorte, valoriza a “simpatia”. Depois comenta o que a vida há muito lhe ensinou: “Fazer isto uma vez por mês não é possível. A droga é uma dependência. Ou não seria droga.”

O Aleixo, como qualquer realidade, não se entende da janela do carro, não se explica numa imagem de decadência, não tem uma verdade oficial. “F.M.” tem uma máxima para o definir: “Isto é Hollywood”, decreta. “Tudo o que achares possível e queiras viver pode acontecer, como num filme.” Ali viveu gente. Ali morreu gente. A pensar nela, Luís sonha “fazer um memorial às vidas perdidas e arruinadas” no bairro. Um dia. Não por o Aleixo ser irrepitível. Mas precisamente por saber que ele se pode repetir.

vontade dos moradores: das 305 famílias ouvidas, 209 eram contra a demolição, 13 a favor e 83 não se pronunciavam.

De nada valia a vontade deles. Rui Rio, antes visita no bairro, virou-lhes as costas. Anunciou o fim. Em 2008, já com a demolição avançada do São João de Deus, “o pior bairro do país”, desviava atenções para o Aleixo, “o mais problemático do Porto”. A câmara lançara, em Julho desse ano, um concurso público para a constituição de um Fundo Especial de Investimento Imobiliário que tomasse conta daqueles terrenos. A escola, pilar do bairro, já não funcionaria no ano lectivo seguinte. Acabaria reduzida a pó.

Na campanha eleitoral de 2009, Rio assume a demolição como bandeira e repete o que vinha dizendo nos últimos tempos: o Aleixo é “o principal centro de tráfico do Porto” e “uma vergonha para a cidade”. Deve ser “integralmente demolido”. Assim começa a fazer em 2011, com uma maioria absoluta no hemiciclo. Num barco da Douro Azul, a convite de Mário Ferreira, assiste à implosão da torre 5. Enquanto abria champanhe, corriam lágrimas e confrontos no bairro. Se a ideia era também terminar com o tráfico, perguntavam, por que razão implodiu o edifício menos problemático? Dois anos depois, a cena repetiu-se na torre 4.

Simão Mata tinha chegado ao Aleixo nas carrinhas da equipa de rua Norte Vida em 2009. Discípulo de Luís Fernandes na Universidade do Porto, fez do bairro objecto de doutoramento, em busca das “personagens” acompanhadas pelo seu professor na década de 90.

Nessa altura, duas décadas volvidas da chegada de Luís Fernandes ao Aleixo, já havia “controlo de riscos e minimização de

danos”. Na carrinha, Simão fazia troca de seringas, distribuía prata para consumo fumado. A Norte Vida era uma “primeira plataforma” de contacto, a almejar o resgate. Por algumas vezes, viram gente mudar de rumo. Por muitas vezes, souberam não haver remédio. Na busca pelas pessoas contactadas antes por Luís Fernandes, esbarrou numa mortalidade elevada, na multiplicação de doenças. Nos últimos anos, o bairro já controlava melhor os riscos associados ao consumo. Mas era ainda um abrigo inquietante para doenças. Para a morte.

Com o desabar de duas torres, o Aleixo enfraqueceu. Renato Sousa andava por ali desde 1996. Um estágio tinha-o conduzido ao ATL do bairro e nunca mais perdeu o vínculo. Em 2013, com a Associação de Moradores demissionária, construiu uma lista que acabaria vencedora.

Nessa altura — com Rui Rio prestes a terminar o terceiro mandato, deixando o aviso de que a demolição era um processo “irreversível” —, a nova direcção jogava as cartas na “continuidade” da associação, salvando os equipamentos geridos por ela. Assim conseguiu, já com Rui Moreira presidente. A vitória do “independente” acabara por acalentar esperanças. Em Julho de 2014, é feita, a seu pedido, uma auditoria ao FEII. Os resultados revelavam “irregularidades” na gestão de Rio, desmentidas pelo antecessor. O Fundo treme, mas não cai.

Passaram-se anos de um vaivém doloroso no Aleixo. O bairro ia-se degradando, alguns moradores pediam para sair, as estruturas sociais e de apoio enfraqueciam. O FEII muda várias vezes de mãos. No final de 2016, Moreira já admitia o que antes era impensável: as famílias do Aleixo poderiam



não ser realojadas em casas construídas pelo FEII. Em Setembro de 2018, surpreende: desta vez, o Aleixo estava em risco de ruína, as torres não eram recuperáveis, as condições sociais e de salubridade estavam no limite. Em meio ano, iria retirar toda a gente do bairro. Os moradores seriam dispersos pela cidade.

O Aleixo era um “condenado no corredor da morte”. Já sem ponta de “esperança”. As palavras são de Renato Sousa, que por estes meses tem procurado amparar uma “comunidade de luto”. Aquilo a que João Queirós chama “processo de desclassificação” do bairro recolhia os seus despojos: as “ações conjugadas de processos de abandono, descivilização do bairro e estigmatização” haviam criado uma “sinergia negativa” em nada auxiliadora de consensos no Aleixo. E em tudo geradora de uma visão exterior única: a ideia “de que esta era uma solução inevitável”.

João Queirós auscultou dores e alegrias por anos. Viu muita gente afirmar o desejo de sair dali, saturada do tráfico e rusgas policiais, dos elevadores avariados, da falta de limpeza. E muita gente negar esse afastamento a qualquer custo, atentando nele uma forma encapotada de expulsar os pobres de terrenos ricos. A unanimidade só

#### Droga ou zona apetecível?

O Aleixo esteve desde os anos 1990 associado ao consumo de droga. Aos poucos, foi ficando abandonado. A câmara deixou de fazer manutenção. Muitos moradores sentem ter sido uma estratégia de desvalorização para retirar gente pobre de uma zona rica. Dali, vê-se o Douro em todo o seu esplendor

a encontrou num sentimento de uma certa invisibilidade: “Não foram ouvidos, receberam a comunicação de uma solução fechada. Isso todos diziam.”

A comunidade ficou dispersa, quase todos em casas mais pequenas. Fará sentido, numa cidade com enorme necessidade de habitação social, destruir um bairro onde vivia gente? Quanto tempo terá aumentado a lista de espera – com mais de mil pessoas e pelo menos outras tantas excluídas pelas balizas do regulamento, mesmo tendo carência habitacional – para receber casa?

Renato Sousa vela um consolo: a Associação de Moradores “não vai morrer”, ainda que das torres se faça pó. “A memória dos moradores e do bairro não vai ser esquecida”, pronuncia, informando que o centro para a terceira idade, o jardim de infância e o ATL continuarão a funcionar na freguesia de Lordelo do Ouro.

As antecipações de Simão Mata quanto ao futuro dos consumidores, moradores ou não, são mera análise do pretérito. “Não posso antecipar”, avisa, “mas há dados sobre o que aconteceu com as primeiras demolições”. E isso, diz o psicólogo que no próximo ano conclui o seu doutoramento, é evidente: “O problema piorou. Havia zonas protegidas que ganharam mais expressão após o desaparecimento das torres 4 e 5. O álbi da droga não colhe.”

Mas o estigma sim. O fim do Aleixo é também prova do quão “transversal” era essa ideia do “bairro supermercado de droga” ou “cancro social”. Lugar para ver ao longe, para passar ao largo. Porque era gueto, insegurança, decadência. João Queirós lamenta a falta de “participação cívica” dos portugueses: o Aleixo, sublinha, foi desdeszariado de forma sistemática e incapaz de gerar alguma coesão. Tanto pelo património como pelas pessoas. “Nesse aspecto, a cidade não fica muito bem na fotografia”, afirma. E, no entanto, é a mesma que um dia se algemou em defesa do Coliseu, se enrincheirou no Rivoli, batalhou pelo Bolhão e tem protestado contra os despejos. Onde esteve quando o Aleixo precisou desse sobressalto cívico?

Esvaziadas as três torres, pergunta-se como se moldará a cidade ao Aleixo dividido. Como se adaptará o Aleixo à cidade que o ignorou. Em Portugal, não há muitos exemplos de demolição de habitação social capazes de servir de bússola ou bola de cristal. Mas as experiências nos EUA e França mostram algo claro: os efeitos da dispersão são, “com frequência, negativos”. João Queirós admite ser cativante a “ideologia de promover mistura, espalhando a população por diversos contextos”. Mas deixa um aviso: “Só dispersar, dando uma resposta física a problemas sociais, geralmente não dá bom resultado.”

Quando o Aleixo abriu portas, abraçou a esperança de um país novo onde Abril era verbo. Agora, nesse território do sonho, já ninguém habita. O Aleixo acabou. Apesar do olhar triste de Lurdinhas, das memórias e protestos de Venâncio, de Elói e de Filipe, da revolta de Graça, de Luísa e de Natália, do saber dolorido de Luis, de FM de Salvador, das raízes de “Guela”. Ou talvez a História de razão à frase escrita junto ao campo de futebol, escondida entre as torres 1 e 2, lugar onde a cidade nunca entrou. Se assim for, este é “um bairro que nunca acaba”.



## “Sou da Ribeira, vim emprestado ao Aleixo”

Na narrativa de Guilherme Leite esta é uma realidade repetida. Ainda hoje, 45 anos depois de ter saído da Ribeira, tem saudades dela. Ainda hoje, cinco anos após ter deixado o Aleixo, regressa às portas do bairro todos os dias. Por duas vezes se moldou a uma realidade. Por duas vezes, lhe roubaram o chão por lhe mudarem o tecto.

“Guela”, como todos o conhecem na Ribeira, nunca cortou fios com o passado nem se deixou afundar em lamentos. Sabe reconhecer os ganhos de uma viagem, mesmo quando a saudade da juventude engrandece sentimentos e atenua as dores de quem tratou a miséria por tu. A Ribeira que lhe corre no sangue era também privação. E parte do afecto ao Aleixo terá aí uma explicação.

Aos 86 anos, mora na Travessa da Arrábida e ainda percorre o caminho até à Ribeira todos os sábados. Pára no restaurante Barrete Encarnado, está com os amigos de longa data, testa a sorte numa “rifinha” rezando para a bola “cair ao 35 ou 43”. Guilherme veste um sorriso nostálgico e avisa não haver descrições capazes de lhe fazer justiça ao coração: “A Ribeira...”, pensa alto, “a Ribeira nem tem classificação, era uma coisa bestial.”

É dele o cartão de sócio número 16 dos Passarinhos da Ribeira, clube fundado em 1963. Noutros anos, passava a vida “metido na sede”. Jogava lerpa, fazia buffets, dançava tango e rumba. Discutia futebol, ele que é benfiquista e leva a inscrição do clube num relógio de pulso. Naquele Porto, muito antes de a Ribeira ser classificada pela UNESCO património da Humanidade, havia “o talho, a batateira, a padaria...” E no Barredo, era ver “gente sentada pelas escadas, a cozer sacos, com um vinhito, numa risota”.

“Guela” viveu “muitos anos” num quartinho no Barredo. Depois em Cima de Muro. Mais tarde, “por detrás das Alminhas da Ponte”. As casas eram pobres. Muito pobres. E foi isso que o

convenceu a ir “buscar a chave” do Aleixo. “Vim inaugurar a primeira torre”, conta a ajeitar o chapéu. O chão da rua era ainda em terra batida, não havia luz. Mas tecto como aquele nunca tinha visto: “Quarto mobilado, varanda, um corredor. Tudo grande. Fogo, que maravilha!”

Há coisa de cinco anos, ao perceber a morte do Aleixo, aceitou sair. “Quería ir para Miragaia.” Não teve essa opção. Recusou uma habitação no bairro de Falcão, por ser muito longe. Rejeitou “a despesa disfarçada de casa” oferecida na Pasteleira. À terceira e última chance, apresentaram-lhe uma hipótese nas Campinas. Mas a casa estava suja, desarranjada. E ele reclamou um pouco de dignidade. Insistiu na limpeza e arranjo do edificado. Propuseram que fosse “levando umas coisinhas” e depois se trataria disso. “Respondi-lhe: ‘Mas de onde é que eu sou? Eu não sou daqui, sou da Ribeira, estou emprestado ao Aleixo. Exijo respeito.’ Entregou a chave, ficou sem habitação social.”

Com a mulher, “ajeitou” um lar na Travessa da Arrábida, a minutos do Aleixo. E volta às portas da torre todos os dias. “Aqui é o meu quintal”, anuncia enquanto abre o portão. Dali vê a janela da sua antiga casa. Ilude o tempo e as suas mudanças imparáveis. “Venho botar de comer às galinhas, água nas duas dúzias de pimentos e tomates, e fico aqui um bocadinho.” De olhos postos na torre que, em breve, será apenas memória, o pensamento nostálgico: “Tenho pena de ter saído.” Sentença de quem não esconde o lado pérfido do Aleixo. “A minha porta eram bichas a toda a hora. Mas nunca me chateei.” Por mais de uma vez ofereceram-lhe negócio: “Só por ter porta aberta”, para quem estava a traficar se esconder em caso de rusga, “eram 30 contos. Mas Guilherme ‘nunca quis nada disso’, garante, puxando os galões das origens como quem jura honestidade: “Aos anos que vim da Ribeira, antes quero comer só sopa.”

## Torre 2 – Francos

### O “assalto” à Torre 2 pelo direito à habitação

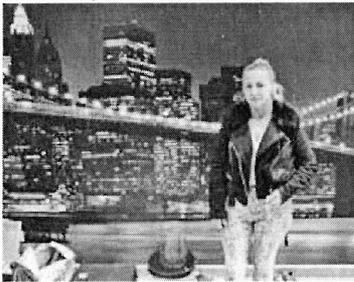
Lúisa Ferreira tinha apenas “oito aninhos”. Mas nunca esquecerá aqueles dias. O primo avisara a família dos boatos levantados na Ribeira: as casas prometidas do Aleixo estariam a ser entregues a outras pessoas? A família Ferreira, como muitas da Ribeira, correu ao lado ocidental da cidade. Entrou na Torre 2, ainda inacabada, subiu ao nono piso. “A gente assaltou as casas, porque elas eram para nós”, conta Lúisa. A confusão estava instalada. “Vieram as forças armadas e isso tudo”, comenta ainda em sobressalto. “Mas só foi obrigado a sair quem não pertencia à Ribeira...”

Nesses primeiros anos, o bairro era ainda esqueleto. Cabos no buraco do elevador, os degraus por acabar, a luz inexistente nos edifícios, os armários da cozinha sem portas. Mas não importava. A casa era grande. Como nunca haviam visto. E a torre, qual arranha-céus na paisagem, a possibilidade de uma subida a voos antes possíveis.

Lúisa deslumbrava-se a passear naquela “quinta enorme”. Plantava abóboras e batatas no lugar onde mais tarde instalaram a sua primeira escola primária. No mesmo espaço onde agora existe o campo de futebol. “Recordo-me de ver a terceira torre ainda a meio com vigas, a quarta torre mais baixa, com vigas, e a quinta a começar do zero mesmo. Vi todo o bairro a ser construído.”

Quando a família cresceu, Lúisa pediu uma casa nova e desceu ao primeiro andar. Investiu em obras, concebeu móveis à medida, ajeitou a cozinha.

Ainda está a pagar o empréstimo que tornou tudo possível. Por isso, abandonar a casa é um luto longo: no bairro de Francos, para onde foi transferida, muito daquilo não cabe. Pós a máquina de lavar na sala, o frigorífico na despensa. Não tem onde arrumar a louça, onde pôr a roupa. Agarra-se à felicidade inconsciente das netas, na busca de um ânimo que, por agora, lhe parece impossível resgatar: “No ano passado, na Páscoa, enterrei a minha mãe, depois o meu pai. Agora enterro o Aleixo...”



## Torre 1

### O zelador da torre ficou sem casa nova

Arresta o adeus definitivo como quem engana o luto. E, no entanto, já nada lhe cura a melancolia nem afasta as lembranças saudosas dos “grandes e velhos tempos”. O bairro semivazio, mais desfigurado do que nunca, a morada da mãe já no lado oposto do mapa do Porto. E Venâncio Almeida ainda ali. Sem saber como se abandona um lugar que é casa. No dia anterior, braços caídos pela tristeza e cansaço, vira a sua torre ser entaipada pela polícia. A cada tijolo erguido, mais um passo o distanciava da crença numa justiça igual para todos. Mesmo que essa utopia — “equal rights” — resista tatuada no lado esquerdo do peito. Quantos muros se ergueram quando se vedou o Aleixo?

No piso térreo da Torre 3, conservam-se frases nas poucas paredes que ainda não se fizeram escombros. Mensagens inscritas um pouco por todo o bairro, como elixir de uma eterna resistência: “Podem-nos tirar do bairro, mas não tiram o bairro de nós.” Um quadrado tranca a frase, junto ao desenho de três torres e de um coração. Ali, Venâncio foi feliz. Quem espreita aquele território à distância ou o conhece nos últimos anos não imagina o Aleixo “antigo”: com escola, ATL na Torre 3, infantário na 4, “ginásio” na 5, centro de dia na 2. “Ainda viajei à pala das iniciativas que havia”, sorri. “Faziam muitas coisas para nos manter longe dos problemas. Depois, aos poucos, deixou de interessar...”

A conversa caminha pelo guião das memórias de 38 anos. Na Torre 2, ainda aberta naquela manhã, Venâncio faz de novo a despedida do terraço. Avista, nas outras torres, quem tenha vencido o

cimento para entrar mais uma vez. No cimo delas, parecem ter alcançado o topo do mundo, braços abertos e peito feito, figuras pequenas mas salientes na paisagem. Gaia do outro lado do Douro, um azul intenso na água e no céu, os barcos rabelos com trilhões de espuma branca atrás, a ponte da Arrábida. Cartão-postal irrepreensível.

Em baixo, no campo de futebol, as brasas já aquecem para o churrasco do adeus, ao lado de uma panela tamanho XL. “Nunca mais vamos ter nada como isto”, dizia Venâncio perante o aceno do primo Filipe Azevedo: “Nunca mais... Eu saí daqui há 20 anos e sou do Aleixo para sempre.” Aquela devoção, poucas vezes notícia em páginas de jornal, é o documento deles. Não importa se a gramática define o nome do bairro como substantivo, para eles Aleixo será sempre adjectivo. E “ser Aleixo” é o único privilégio que nenhum condomínio lhes pode roubar.

Filipe Azevedo tem ensinado ao filho adolescente a lição que a vida lhe deu: “Ele aprendeu que o planeta Terra gira à volta do Sol. É muito bonito, mas é só na escola. A realidade é: põe-se um cifrão no meio e anda tudo à volta.” O timbre é de uma revolta resignada: “Somos a minoria, somos mais fracos, é a realidade.”

Ainda no campo, Venâncio Almeida mergulha no pretérito e põe-se a pensar no 24 de Junho aí à porta. “Onde vamos fazer o São João este ano?”, questiona em jeito retórico. Era a sua festa preferida. Nos patamares do edifício, as famílias acendiam o fogareiro. Sacavam-se meia dúzia de telhas da cobertura para deixar o fumo sair. E depois era subir e descer a escadaria,

noite dentro, vezes sem fim. Provavam sardinhas num lado, febras noutro, bebiam um copo no vizinho de cima, outro abaixo.

Há dias, no Facebook, Venâncio pôs-se a escrever sobre isso. E sobre o ano novo, com os vizinhos a bater nas painelas e tachos às 12 badaladas. E as galhofas de menino ainda criado na rua. Andar de pneu e carrinhos de rolamentos, brincar aos polícias e ladrões, jogar ao berlinde e à sameira. E à bola, na Rua Arnaldo Leite, com os lampiões como balizas, lado a lado com o “Nandinho” Cardinal, vizinho na altura e agora jogador de futsal no Sporting.

Na hora da saída, a dor maior é deixar a sua “oficina”. O pai foi durante muitos anos o “zelador” da Torre 1. Trabalhava fora das oito às cinco e depois andava na “biscatada”. No bairro, todos chamavam pelo senhor Maximino se era preciso mudar uma lâmpada, desentupir canalizações, resgatar alguém preso no elevador. Venâncio tinha seis anos quando, com o irmão, começou a ajudar o pai. A aprender o ofício. E quando ele morreu, em 2003, os manos Almeida herdaram a tarefa de cuidar da torre. Fizeram-se zeladores.

O irmão, os dois sobrinhos e a mãe foram morar para o bairro do Falcão, em Campanhã. Venâncio ficou sem casa por não ter sido incluído no agregado familiar nos inquéritos da Câmara do Porto. Vai contestar a decisão. E procurar um espaço onde instalar uma oficina. Mas isso é futuro e, por agora, parece-lhe ainda longe demais: “As nossas conversas têm sido isto: o que foi, o que é e o que vai ser... Perdemos o nosso íman.”

## Torre 1 – Campinas

### Graça ficou com quatro menores quando a irmã foi presa

Na casa 73 da torre um do Aleixo, há um antes e um depois da última grande rusga policial no bairro. Nesse dia, no início de Fevereiro, agentes arrombaram a porta e levaram duas pessoas para interrogatórios. Graça Teixeira saiu pouco depois, a irmã Cristina ficou detida. A vida levou um abalo. Graça viu-se mãe da sua menina e dos sobrinhos. Todos menores. Ao mesmo tempo, o seu bairro na frente da fila dos condenados era o terramoto na certeza possível.

Não há um tom de lamúria no discurso de Graça Teixeira. Para o bem e para o mal, a vida ensinou-a a emendar uns dias nos outros, a reinventar se preciso, a resistir. Compõe o orçamento com umas horinhas nas limpezas antes do almoço, outras num restaurante durante a tarde, o rendimento mínimo e o abono dos sobrinhos. “A gente tem de fazer pela vida”, decreta. “Há três meses que a minha irmã foi presa, fiquei com os meninos e nunca me vieram bater à porta perguntar se precisava de um litro de leite.”

Há um tom de revolta. Por causa disso, respondeu torto a uma trabalhadora da Domus Social, quando esta a pressionou para entregar a chave de casa do Aleixo antes da data estipulada. “Ela disse-me ‘isso está em riscos de cair’. E eu respondi-lhe ‘olhe, em riscos de cair está você! Você cai e a torre ainda fica’.” Não era ameaça. Apenas o coração a vencer a calma. Afinal, tinham-lhe dito poder sair até ao fim do mês de Abril e

de repente, pediam para tirar tudo até dia 23. “A gente sai obrigada, sem ajuda, sem elevadores, sem nada... é preciso ter um bocado de noção.”

Graça mostra os cantos à casa. Há caixotes organizados, com indicações por fora, muitos carregamentos para fazer. E o aperto de ter de abandonar tanta coisa. Uma mobília inteira de um quarto, o frigorífico da cozinha, um rol de roupa guardada numa estante na marquise — nada disso cabe na habitação no bairro das Campinas. Graça nem está descontente com a casa nova, cozinha à parte. “Tem dois armários e mais nada. Vou pôr ‘camarões’ no tecto e penduro lá os tachos e as chavenas.”

A dor da mudança poderia explicá-la melhor uma vizinha do 9º piso. “Oh Rosa, anda cá!”, grita Graça a desafiá-la a contar a sua história. Mas Rosa vai com pressa, pede desculpa, sai acelerada pela escadaria abaixo. “Morreu-lhe o marido”, comenta Graça baixinho: “Com o desgosto de ter de sair, foi à Pasteleira ver a casa e teve um AVC.”

Chegada ao Aleixo menina de três aninhos, tem agora 48. “A minha criação é daqui. Tive filhos aqui, juntei as minhas filhas aqui. A minha vida foi esta.” No Aleixo, era amiga de todos. E não lhe venham falar do tráfico como o lado negro da história. “A droga está em todos os bairros, não é só no Aleixo”, avisa, deixando um lamento tardio: “Só publicavam notícias por causa da droga... Mas aqui também há coisas boas.”

## Mágoas

A promessa de ficarem todos no mesmo bairro quando saíssem do Aleixo foi esquecida



## Torre 3 – Francos

### “Queremos umas casas dignas”

O papel colado na porta da casa 73, terceira torre do Aleixo, deixou a família em sobressalto. Natália Fonseca recusara mudar-se para os bairros da Pasteleira e Francos, onde as habitações são demasiado pequenas para o agregado de quatro adultos, três crianças e um bebé que chegará dentro de semanas. Sugeriu o Vale Formoso ou Bom Pastor. Mas o “não” da Domus Social veio num aviso em jeito de ultimato: tinha dez dias para levantar a chave da casa de Francos e 30 para deixar o Aleixo.

“Disseram-me ‘ou esta casa ou rua’”, conta revoltada: “Não devia nada à câmara, moro aqui há 45 anos, estou legal e em dia. Não é ‘esta ou rua’. A gente só estava a pedir opções maiorzinhas...”

O lamento de Natália multiplica-se no Aleixo. Todos percebem não haver “casas como aquelas” — áreas generosas, construção robusta, vistas de mar e rio —, mas mudar para quatro paredes onde não cabe nem metade dos bens de uma vida é doloroso. Cozinhas inteiras, electrodomésticos, móveis: quem andou no bairro nos seus últimos dias parecia caído num cenário de guerra de onde os moradores saíram à pressa deixando tudo para trás. “Também somos gente e gostávamos de ter o nosso bem-estar. Queremos umas casas dignas.”

Só as memórias felizes de uma vida amenizam a ferida. De repente, Natália Sousa parece ser de novo a menina nascida na Ribeira. Lembra “a canalhada” a sair da escola de São Nicolau e a correr para as “carroças de carvão” em frente, os trilhos no chão, a magia única do Douro: “Tinha seis ou sete anos quando comecei a saber nadar e a ir à ponte [saltar]. Ainda hoje,

com esta idade, vou à ponte.” Eterna “filha da casa” na Ribeira, Natália mudou-se para o Aleixo aos dez anos e retomou ali a escola. No espaço onde agora é o campo de futebol, a Associação de Moradores testara, em 1975, numa iniciativa construída com a Escola do Ministério do Porto, um novo modelo de educação, fora das balizas dos “bons e maus alunos”, adaptada aos meninos criados na liberdade da rua. O protótipo — citado no *Diário de Lisboa*, em Junho de 1977, como exemplar — seria abandonado pouco tempo depois de começar.

Nesses anos, “o Aleixo era muito bonito”. E o cenário à volta um outro mundo. Natália Sousa era ainda criança e ia vender fruta com a madrinha para a beira da “fábrica dos lumes”, do meio-dia à uma da tarde. Depois parava junto à “fábrica dos guarda-chuvas”, da uma às duas. Por perto, havia ainda os “escritórios dos empreiteiros do bairro, a fábrica dos parafusos”. E nem vestígios de “condomínios fechados e desses palacetes” agora dominantes na paisagem.

O sorriso cai de novo ao percorrer a casa, já semivazia. “A gente olha para as paredes, para a casa. Tantos anos aqui...” Natália já perdeu sete quilos. Sente-se deprimida. Por causa dos “interesses dos fundos”, lamenta, “foram destruindo isto aos poucos”. Põe-se a antecipar a falta da “família” do bairro e o desamparo dói: “Porque no Aleixo se uma cai ou está doente, vêm as vizinhas todas e botam a mão. Hoje não tenho um pão e se bater àquela porta e pedir um pão ela dá-me, e vice-versa. Hoje vamos para uns bairros que a gente precisa de ajuda e ninguém nos põe a mão.”



## Mudar para pior?

As casas do Aleixo tinham áreas generosas. Na despedida, muitos tiveram de deixar muita coisa para trás por não caberem na nova habitação